



Sergio Milliet: um projeto modernista de literatura, entre o Brasil e a Europa

RENATA RUFINO DA SILVA\*

Esse trabalho é fruto das reflexões iniciais da minha pesquisa de doutorado que envolve um período determinante na história da cultura brasileira: o momento em que se estabeleceu o modernismo enquanto autoridade estética e seus artífices passaram a ser considerados entre os mais importantes leitores da “identidade brasileira”. Nesse âmbito, um dos participantes do movimento, constantemente citado entre os principais articuladores e figura marcante nos quadros da história intelectual do século XX, principalmente entre os anos 1920 a 1960, parece ter tido seu papel negligenciado: Sergio Milliet da Costa e Silva (1898-1966).

Sergio Milliet – ou ainda “Serge Milliet”, nome afrancesado de que lança mão principalmente na assinatura de textos publicados em revistas europeias – foi sociólogo, ensaísta, poeta, tradutor e crítico paulista. Seu trabalho na crítica, em especial de artes plásticas, é amplamente reconhecido e estudado, uma vez que foi um dos responsáveis pela formação da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), assim como sua atuação no que se refere à organização de acervos artísticos e divulgação das artes no Brasil. Enquanto diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, atual Biblioteca Mario de Andrade, Milliet foi pioneiro na criação da Seção de Arte, idealizou as Bienais Internacionais de São Paulo, sendo organizador das II, III e IV edições, e um dos maiores entusiastas para a criação de um Museu de Arte Moderna no Brasil (SPINELLI, 2004:49-54).

Contudo, em relação à participação de Milliet no movimento-chave para a história da cultura brasileira, o modernismo, no que concerne, como veremos, à mediação entre os campos literários europeu e brasileiro, verifica-se uma carência de análises mais aprofundadas. Uma das raras tentativas foi a de Francisco Alambert, em sua dissertação de mestrado, *Um melancólico no auge do modernismo: Sergio Milliet*

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

(*Uma trajetória no exílio*). Nesse trabalho, o autor apresenta uma interessante hipótese para o fato de existirem poucos trabalhos sobre a relação de Milliet com o movimento modernista: para o historiador, o “silêncio” sobre legado do escritor teria ocorrido uma vez que Milliet seria um crítico ao modernismo, assim como não teria se alinhado ao “paradigma nacionalista” tão caro aos artífices do movimento. Esse não-alinhamento teria ocorrido devido à sua vivência na Europa, que Alambert qualifica de “exílio” (ALAMBERT JUNIOR, 1991: 74).

A questão da postura crítica de Milliet em relação ao programa e ao próprio desenrolar do movimento foi identificada por Mario de Andrade<sup>1</sup> em uma conhecida conferência, de 1942, publicada pela primeira vez no jornal *O Estado de São Paulo*, em ocasião do 20º aniversário da Semana de Arte Moderna e, posteriormente, compilada em seu livro *Aspectos da Literatura Brasileira*. Intitulada “O movimento modernista”, essa espécie de “balanço” do movimento foi decisiva na produção da historiografia do modernismo a partir de então. Assim, ao comentar sobre o entusiasmo dos participantes, Mario destaca a posição diferente de Milliet: “Tudo gênios, tudo obras-primas geniais... Apenas Sergio Milliet punha um certo malestar no incêndio, com a sua serenidade equilibrada...” (ANDRADE, 1974: 238)

Órfão de mãe desde os dois anos, Milliet foi enviado para a Suíça, com o incentivo e auxílio financeiro dos tios maternos, em 1912, aonde permaneceu até 1920. Em Genebra, o escritor paulista cursou o secundário e iniciou o curso de Ciências Econômicas e Sociais da Escola de Comércio, concluído na Universidade de Berna. Essa primeira temporada europeia foi marcante na trajetória desse intelectual, pois, segundo Lisbeth Gonçalves, adviriam da formação franco-suíça algumas características da personalidade de Milliet, tais como

---

<sup>1</sup> Mario de Andrade (1893-1945), que dispensa maiores apresentações, foi uma figura importante no processo de canonização do modernismo e seu triunfo como paradigma estético nacional. Foi poeta, romancista, crítico de arte, musicólogo entre outras ocupações. Exerceu diferentes cargos públicos. A partir de 1913, se tornou professor de história da música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, passando em 1922 ao posto de catedrático de “Dicção, História do teatro e Estética”. Entre os seus cargos de maior destaque, encontram-se sua organização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao lado de Rodrigo Melo Franco de Andrade, assim como sua atuação como diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, órgão idealizado por ele, Sergio Milliet e Paulo Duarte, segundo esse último. (DUARTE, 1977: 2).

o “cosmopolitismo”, a vocação europeia, a posição humanista, a presença de uma *ética* impregnando o pensamento, a preocupação com uma “moral social” que, do ponto de vista dos ideais políticos, estende-se a uma postura socialista; o interesse pela sociologia (pelas ciências sociais de um modo geral) como ponto de apoio para conhecer a realidade, o questionamento da verdade e da objetividade do conhecimento nas ciências humanas; com relação ao estilo, o gosto pelo diário íntimo, pelo ensaio, a defesa da liberdade de expressão para que se dê uma manifestação artística sincera. (GONÇALVES, 1992: 3-4)

Dessa maneira, foi numa Suíça de tradição pacifista, que abrigava muitos estrangeiros devido à Primeira Guerra Mundial, que Milliet deu seus primeiros passos nas Letras. Em Genebra, publicou seus dois primeiros livros de poesias, em francês (*Par le sentier* e *Le départ sous la pluie*, lançados em 1917 e 1918, respectivamente), e participou de dois periódicos: *Le Carmel* (1916-1918) e *L'éventail* (1917-1919), integrando, inclusive, a direção do primeiro. Lá, entrou em contato com letrados que tinham uma importante atuação no campo literário franco-suíço, como Romain Rolland, Stefan Zweig, Charles Baudouin, Ivan Goll, Karl Spitter, Péguy, Henri Mugnier, entre outros. Importa mencionar que foi esse último quem declamou o poema “Oeil-de-boeuf”, escrito por Milliet, em francês, no Teatro Municipal de São Paulo por ocasião da Semana de Arte Moderna<sup>2</sup>.

No ano seguinte, em 1923, Milliet voltou à Europa, instalando-se primeiramente na Bélgica e, depois, em Paris, em que passou a exercer esse papel central na articulação entre a vanguarda francesa e o grupo modernista brasileiro. Milliet era o maior responsável em manter o que Oswald de Andrade chamou de “consulado mental paulista em centros europeus” (ANDRADE, 1922). Sobre como Milliet tornou-se “uma porta de abertura, de contato, de informação e de comunicação, importantíssima para os

---

<sup>2</sup> Henri Mugnier, em seu livro *Notre Jeunesse – Evocations Genevoises (1910-1920)*, que recorda do grupo genebrino do qual participou, fez a seguinte descrição de Milliet: “Quem, em Genebra, ainda se lembra de Sergio Milliet? Este jovem brasileiro, bonito e elegante, vindo de seu país de sol para realizar aqui seus estudos universitários, este poeta delicado e sensível, aristocrata até a ponta dos dedos (...) Fomos amigos, daqueles que permanecem mesmo a quilômetros de distância. (...) Em Genebra, ele escreveu seu primeiro livro: *Le Départ sous la pluie*, que tive o prazer de prefaciar. Depois, mais tarde, em colaboração com Charles Reber, que fez carreira no jornalismo internacional, um livro de pastiches literários: ‘A la manière de...’, em que imitava seus amigos e os que não o eram. Um livro que teve muito sucesso em Genebra, tanto quanto o de Reboux e Müller em Paris.” (MUGNIER, 1943: 142-144)

modernistas”, como define Carlos Soulié do Amaral, cabe destacar o depoimento do pintor Di Cavalcanti para o primeiro:

Quando Sérgio Milliet em 1923 voltou para a Europa, fui atrás. Naquele tempo, enquanto Oswald de Andrade gastava o dinheiro do pai do modo mais provinciano e burguês possível e Mário de Andrade era um moço de igreja, que adorava procissões, eu conheci a dureza da sobrevivência por conta própria; arranjei um emprego na revista *Monde* e, como jornalista, sem contar a ninguém que era pintor, entrei em contato com Braque, Picasso e toda a vanguarda francesa, sempre levado e guiado pela mão de Sérgio Milliet. (AMARAL, 2004: 39-40)

Numa carta de Tarsila do Amaral para Mario de Andrade, datada de 23 de maio de 1923, a pintora conta ao amigo que Milliet integrava o grupo de brasileiros em Paris formado, além dos dois, por Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Sousa Lima e Fernando Azevedo. O grupo lembraria, segundo Tarsila, o famoso “Grupo dos Cinco” de São Paulo, este formado por ela mesma, o próprio Mário, Oswald, Menotti Del Picchia e Anita Malfatti.<sup>3</sup>

Além de receber os brasileiros chegados em Paris, Milliet foi o grande divulgador de obras de autores brasileiros, especialmente daqueles alinhados ao modernismo. Antes mesmo do retorno à Europa, publicou na revista belga *Lumière* (1919-1923), fundada por Roger Avermaete, os textos “Une semaine d’art moderne à São Paulo”, em abril de 1922, e “La jeune littérature brésilienne”, em novembro do mesmo ano. Segundo Marta Rosetti Batista, Milliet chegou a se tornar representante dessa revista no Brasil.<sup>4</sup> É válido ressaltar ainda que, nessa mesma época, Milliet intermediou a colaboração de Charles Baudouin, seu companheiro na revista *Le Carmel*, e de Roger Avermaete, que conheceu na *Lumière*, como correspondentes de *Klaxon*, considerado o primeiro periódico de divulgação das ideias modernistas pós-1922, na França e na Bélgica, respectivamente. (AMARAL, 1998:206)

<sup>3</sup> Essa correspondência encontra-se no Acervo Mario de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> Esses dois textos foram traduzidos para o português e divulgados pela autora na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP, no número 34: MILLIET, Sergio. *Uma semana de arte moderna em São Paulo. A jovem literatura brasileira*. Apresentação de Marta Rosetti Batista. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, SP, 34: 199-210, 1994.

Na segunda temporada europeia, Milliet passou a investir na atividade de tradução que, aliás, será marcante na sua trajetória<sup>5</sup>. Traduziu poemas de modernistas brasileiros, entre eles os de Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, para a revista *Lumière*, assim como verteu para o francês textos de autores como Monteiro Lobato<sup>6</sup>, publicados no periódico parisiense *Revue de L'Amérique Latine* (1922-1932).

De Paris, Sérgio Milliet se correspondeu com Mario de Andrade e, a partir dessas cartas, é possível perceber as intenções de cada um: enquanto o primeiro tentava articular uma rede de relações entre as vanguardas brasileira e francesa, procurando investir na divulgação de textos de autores brasileiros, o segundo tentava “nacionalizar” Milliet, insistindo para que esse voltasse ao Brasil e, estabelecido aqui, cumprisse sua “missão” com o programa do modernismo. Podemos afirmar que Mario consagrou-se vitorioso no seu projeto, uma vez que, em 1926, Milliet voltou definitivamente para o Brasil, passando a frequentar, esporadicamente, o circuito artístico europeu.<sup>7</sup>

No único artigo que trata exclusivamente dessa correspondência, Regina Salgado Campos contabilizou um total de 90 cartas enviadas por Milliet e 33 por Mario, sendo que uma dessas últimas encontra-se ainda inédita (está no Fundo Paulo Duarte, mas não na compilação feita pelo autor em *Mario de Andrade por ele mesmo*). A autora divide as missivas em dois momentos: o primeiro, em que Milliet encontrava-se em Paris e Mario em São Paulo (1923 a 1925) e um segundo, depois de uma pausa de 12

---

<sup>5</sup> Entre outros autores, Milliet traduziu Michel de Montaigne, André Gide, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Além disso, na década de 1940, quando participou de um projeto da Livraria Martins de publicação de textos de viajantes, que contou também com a colaboração dos historiadores Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues, foi responsável por verter para o português textos importantes para a história do Brasil como de Jean de Léry, Debret e Rugendas.

<sup>6</sup> Milliet traduziu o conto "Um suplício moderno", de *Urupês* (1918), publicado na edição n.º 42 (junho de 1925) da *Revue de l'Amérique Latine*.

<sup>7</sup> As cartas escritas por Mario de Andrade a Sérgio Milliet foram reunidas por Paulo Duarte, um amigo em comum. Os originais encontram-se no Fundo Paulo Duarte localizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Já as cartas enviadas por Sérgio Milliet ficaram por alguns anos desconhecidas do público devido a um pedido de Mario a seu irmão, Carlos de Moraes Andrade, de divulgar sua correspondência somente após 50 anos da sua morte, que se deu em 25 de fevereiro de 1945. Na opinião de Duarte, com essa atitude, Mario quis preservar seus amigos que, ao contrário dele, não escreviam cartas para serem publicadas. Assim, atualmente, as cartas escritas por Milliet encontram-se sob a responsabilidade do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP, e parte desse material foi consultado por nós para a confecção desse trabalho.

anos, em que Milliet morava na capital paulista e Mario no Rio de Janeiro (1937 a 1940) (CAMPOS, 2001:119-132).

Uma análise, mesmo que breve, da relação entre Mario de Andrade e Sergio Milliet nos permite, como faremos a seguir, vislumbrar a trajetória intelectual deste último. Nas cartas, é perceptível a diferença entre o Milliet que acabara de retornar à Europa, após a Semana de Arte Moderna, e aquele que volta de vez para o Brasil em 1926. Nas primeiras cartas, Milliet dirige-se a Mario de Andrade tratando-o como “Cher ami” (caro amigo), utiliza o pronome de tratamento “vous”, com maior formalidade, mesclando o português e o francês (Mario também o fazia, embora estimulasse o amigo a escrever em português<sup>8</sup>), e ainda assinava “Serge”, o que não ocorre nas cartas escritas do Brasil na década de 1930.

É possível constatar, ainda, a admiração mútua (“Creio que você já sabe o quanto gosto da sua arte e a admiro”, escreve Mario de Andrade) e, como já foi destacado por Campos, a amizade e a franqueza entre os dois. Em algumas ocasiões, Mario chegou a enviar dinheiro para que Milliet comprasse “algo da Europa”, de preferência um livro<sup>9</sup>, deixando claro que, se fosse preciso, o amigo poderia fazer uso da quantia de acordo com a sua necessidade.<sup>10</sup> Essa situação chamou a atenção de Francisco Alambert, que, no artigo “Sergio Milliet e o modernismo”, se perguntou por que Mario não incumbiu Oswald de Andrade, seu amigo de longa data e que também vivia em Paris, essa tarefa. Alambert defende a ideia de que “talvez porque a confiança

---

<sup>8</sup> “Gosto dos teus poemas em português. O último que veio de Paris! – sobe em mim uma saudade – é excelente. Traem ainda uma tal ou qual incerteza. É natural. Continua a manejar o português, breve estarás livre dentro dele.” (DUARTE, 1977: 292).

<sup>9</sup> Na resposta, sem data, Milliet agradeceu e disse que iria comprar uma gravura, de Léger, pois tinha medo de comprar um livro que Mario já possuísse. Regina Campos afirma que no fundo de Mario de Andrade no IEB -USP há um desenho de Léger, muito provavelmente o comprado por Milliet. (CAMPOS, 2001:123).

<sup>10</sup> Problemas financeiros eram assuntos constantes entre os dois missivistas. Regina Campos lembra que os dois não eram de origem oligárquica e somente os empregos públicos os ajudaram a conquistar certa autonomia. (CAMPOS, 2001:121). Como revela Sergio Miceli, em seu texto *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, os participantes do movimento modernista, em geral, foram beneficiados pelo mecenato das famílias abastadas e cultas, como também muitos foram “cooptados para o serviço público” e acabaram se “filiando às ‘panelas’ comandadas pelos dirigentes da elite burocrática”. Além disso, não podemos deixar de mencionar que, embora fosse um grupo bastante heterogêneo, muitos tinham relações de parentesco com famílias oligárquicas, sendo Mario e Milliet, portanto, exceções. (MICELI, 2001:80).



e afinidade entre Mário e Milliet fosse maior do que é comum supor-se, comprovando a hipótese de haver um certo pacto, fundador de uma forma de educação intelectual, entre ambos.” (ALAMBERT, 1998: 103-109)

Assim, nas cartas, os amigos confidenciavam as novidades envolvendo o grupo modernista situado nos dois lados do Atlântico. Numa delas, datada de 6 de junho de 1923, Milliet comentou o jantar oferecido por Oswald, “gordo e diplomático”, a artistas franceses. Oswald também foi destaque na carta de Milliet de 15 de maio de 1923, por ocasião de sua conferência na Sorbonne (“L’effort intellectuel du Brésil contemporain”), que depois viria a ser publicada na *Revue de l’Amérique Latine*, de julho de 1923, e, por sua vez, parcialmente reproduzida na edição nº 96 (dezembro de 1923) da *Revista do Brasil*, quando ainda pertencia e era dirigida por Monteiro Lobato<sup>11</sup>. Na carta, Milliet afirmou ter uma boa impressão da palestra, porém considerava “assunto demasiadamente vasto para uma só conferência.” (CAMPOS, 2001:125)

Através dessa correspondência também eram enviados textos para a apreciação de um e o outro missivista (Mario enviou o prefácio de *Fräulein*, que viria se tornar *Amar, Verbo intransitivo*, assim como Milliet o seu *Oeil-de-Boeuf* para a correção do seu “maître de portugais”) (DUARTE, 1977: 287-293). Contendas literárias também eram frequentes entre os dois, como na ocasião em que Milliet admitiu não ter gostado das poesias de Manuel Bandeira, o que foi uma decepção para Mario. Segundo este, o fato de Milliet estar na Europa teria afetado a sua compreensão da obra:

Falar em literatura, fiquei triste por não teres compreendido o Manuel. Discordo inteiramente da tua opinião e aliás fui eu que disse ao Manuel que te enviasses as *Poesias*. (...) Eu pensei que pudesses apreciar mais o livro. Enganei-me. Tu estás situado no presente francês e eu no presente brasileiro. (DUARTE, 1977: 294)

---

<sup>11</sup> Sobre as diferenças das versões francesa (publicada na *Revue*) e brasileira (publicada na *Revista do Brasil*) da conferência de Oswald, ver DINIZ, Dilma Castelo Branco. *A gênese da Poesia Pau-Brasil: um escritor brasileiro na França*. Belo Horizonte. O eixo e a roda: v. 9/10, 2003/2004. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_txt/er\\_9-10/er09\\_dcb.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_9-10/er09_dcb.pdf)

Em carta de 31 de outubro de 1923 endereçada ainda a Mario de Andrade, Milliet comentou a publicação de um artigo seu sobre poesia brasileira na *Revue de L'Amérique Latine*, que incluía suas traduções de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Oswald, Graça Aranha, Menotti, entre outros: “A *Amerique Latine* aceitou enfim meu artigo para dezembro. Versos de todos.”<sup>12</sup> Contudo, parece que Mario não compartilhava da mesma euforia, optando pela investida de “nacionalização” de Milliet, ao incentivo de seu papel como “passeur” da literatura brasileira modernista na Europa.

Essa postura de Mario é perceptível numa carta de 18 de novembro de 1924, quando ele se recusa a enviar a Milliet o texto de “Noite Brasileira”, para que fosse vertido ao francês, dando entender que já não se identificaria com o texto, pois só escreveria mesmo em “brasileiro”. É justamente nessa mesma carta que Mario passa a tentar convencer Milliet de voltar para o Brasil e se abrasilizar: “Manda Paris, essa delícia das delícias, à merda. Vem para cá trabalhar, ter destino ser brasileiro, ser futurista, ser revolucionário às escondidas e chãista da Vienense às claras.” (DUARTE, 1977: 296-297)

Assim, mais do que uma “postura pedagógica” de Mario sobre Milliet, como afirmam Campos e Alambert, trata-se de um verdadeiro projeto para a literatura brasileira, no interior do qual Mario de Andrade valorizava a atuação no Brasil em detrimento de um projeto paralelo, iniciado por Milliet, desde a Europa, de divulgação da produção brasileira, no estabelecimento de redes de contato com as vanguardas europeias. Sabe-se que Mario de Andrade só saiu do Brasil poucas vezes, em incursões pelo Peru e a Bolívia, e seu contato com artistas estrangeiros seu deu sempre no Brasil, como a amizade com o poeta Blaise Cendrars. Assim, a seu ver, a luta pelo modernismo deveria se concretizar em território nacional, e Milliet tinha que “redescobrir” seu país, como revela a carta de 10 de dezembro de 1924:

Aí na França não tens nada a fazer porque o fundo Costa e Silva que subsite em ti não te permite a sujeição às escolinhas, às capelas. Aí se entreres em capela tenho certeza que serás vitoriado. Pela capela. Só

---

<sup>12</sup> É válido destacar que numa carta anterior, de 04 de outubro, Milliet se lamentou, pois teve seu artigo recusado por ser considerado “subversivo”: “Faço um outro a pedido sem atacar a Academia nem Coelho Neto.” Acervo Mario de Andrade, IEB – USP.



então poderás subir dela pra uma situação mais geral por meio... de concessões tuas e diplomacia. (...) E isso há-de ser mortalmente doloroso pra quem como tu tem a mata-virgem atrás da casa e está cheirando cajú-do-campo. Mas a capela é degrau absolutamente necessário aí na França e na Europa. Aqui é diferente. Não há capelas. Há brigas. Há insulto. Calúnia. E o modernismo teve a solução. A perplexidade d'aí não existe aqui porquê um problema resolveu todas as hesitações. Problema atual. Problema de ser alguma coisa. E só pode ser, sendo nacional. *Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abraçar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem, porquê hoje só valem artes nacionais.* O francês é cada vez mais francês, o russo cada vez mais russo. E é por isso que têm uma função no universo, e interessam, humanamente falando. Nós só seremos universais o dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer prà riqueza universal. (...) *Aqui no Brasil tens o teu pôsto e o teu destino. O homem só é feliz no dia em que atinge o seu pôsto e realiza o seu destino.*<sup>13</sup>

Ao comparar os universos literários francês e brasileiro, Mario expõe sua concepção nacionalista de literatura, ao afirmar que essa deve ser como um “espelho da nação”, sem deixar de afirmar que seu horizonte de expectativa é a “universalidade”, assim como as literaturas francesa e russa.

Não seria prudente afirmar que a volta definitiva ao Brasil de Milliet, em 1926, se dá, exclusivamente, pela interferência de Mario, mas o que se pode constatar é que Milliet, de alguma forma e ao seu jeito, passou a exercer o papel sugerido por Mario e a participar, sem qualquer dúvida, do triunfo de um determinado projeto modernista.

Sérgio Milliet passou a colaborar em periódicos de vanguarda, como já foi dito, em que as disputas entre os artífices do modernismo eram frequentes. Esses espaços eram utilizados para críticas, réplicas e tréplicas, como também para a imposição de diferentes programas artístico-literários. Milliet participou de diversas contendas, algumas com o próprio Mario de Andrade.

Numa querela que envolveu Mario de Andrade, Sergio Milliet e, posteriormente, Alcântara Machado, em *Terra Roxa*, o primeiro censurou a coluna do segundo que versava sobre a poesia de Guilherme de Almeida, pois o texto teria excedido no “regionalismo paulista”: “Que historiada é essa, Sergio, meu amigo, de falar na sua

---

<sup>13</sup> Grifos nossos.

crônica sobre poesia do número passado que ‘só se é brasileiro sendo paulista?!’ Protesto.”(ANDRADE, 1926: 4) No número seguinte, Alcântara Machado entrou na discussão – ou, em seus termos, “briga nacional” –, colocando-se a favor de Milliet e afirmando que Mario de Andrade o teria contestado “pelo simples prazer de contestar”:

Sou paulista daqui mesmo (rua barão de Campinas). Também quero brigar!(...) Sergio acertou quando escreveu que *Só se é brasileiro sendo paulista*. Quiz insinuar com isso que é preciso fazer de cada brasileiro um paulista injectando-lhe as qualidades deste. (MACHADO, 1926:4)

Milliet, por fim, encerrou a discussão, num artigo intitulado “Ponto nos is”, no qual tenta se explicar ao afirmar que “só se é brasileiro sendo paulista”, referia-se ao próprio Guilherme de Almeida, pois o poeta era paulista de nascimento, mas incorpora a interpretação de Alcântara Machado: “De hoje em diante é ali no duro: só se é brasileiro sendo paulista. E se quiser!”. (MILLIET, 1926: 3)

Tendo em vista todas essas disputas, intrínsecas à lógica do movimento modernista, o léxico das querelas modernistas, travadas no foro íntimo da correspondência ou no foro público dos periódicos, aponta para a busca, por parte de seus agentes por autoafirmação no campo literário e para a presença de projetos paralelos (e, por vezes concorrentes) para a literatura nacional: o “destino” cumprido por Sergio Milliet, tal como preconizado por Mario de Andrade, aponta para o triunfo de um projeto nacionalista para a literatura modernista brasileira que a história literária não deixou de monumentalizar.

Poucos trabalhos, entretanto, permitem compreender a construção do “modernismo de Milliet”. Dentre eles, a dissertação de Francisco Alambert Júnior, já citada, considera que, por não se tratar de um “tipo ideal” modernista e por ser, ao contrário, um crítico ao paradigma nacionalista, Milliet teria seu legado pouco estudado. Para Alambert, em Milliet a “nação se perderia na razão e esta se confunde com a humanidade”. (ALAMBERT JUNIOR, 1991:233). Essa sua postura crítica pode ser percebida num comentário de Milliet sobre Ribeiro Couto, analisado por Alambert: “Acredito que você não ‘ligue a mínima’ ao brasileirismo. Tanto melhor. É uma

verdadeira obsessão para quasi todos nós. Felizes os que escapam a ela!” (MILLIET, 1932: 325)

Discordamos, contudo, da interpretação de Alambert de que isso se daria também porque Milliet seria um “exilado de dois mundos”. É certo que a postura cética e cosmopolita de Milliet se chocava, segundo o mesmo autor, com o ufanismo de Mario de Andrade, por exemplo. Para Alambert, Milliet teria constituído um modernismo melancólico porque “sua experiência e a postura intelectual que desenhou para si, ao longo de sua vida, engendraram uma forma particular de ceticismo crítico” (ALAMBERT JUNIOR, 1991:231).

A questão do ceticismo nas obras de Milliet foi abordada por Regina Salgado Campos. Em *Ceticismo e responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet*, ao analisar as referências aos dois escritores franceses na crítica de Milliet, produzida entre 1938 e 1966, Campos afirma que Milliet seria herdeiro de uma crítica de raiz cética, inserindo-se numa tradicional ocidental que teria como precursor Michel de Montaigne. Tradutor de Montaigne, o crítico paulista em diversos momentos teria associado sua própria imagem à do autor de *Ensaaios*.

O trabalho de Campos é importante também para a compreensão da questão da tradução para Milliet. Ao analisar as referências francesas na crítica millietiana, a autora percebe o constante trabalho de reescrita de suas traduções, com diferenças significativas de um mesmo trecho publicado em momentos distintos. Um exemplo: o clássico capítulo “Da experiência”, dos *Ensaaios* de Montaigne, aparece de diferentes maneiras em *Pensamento vivo de Montaigne* (reunião de fragmentos feita por André Gide, com tradução Milliet datada de 1943) e na versão brasileira de *Ensaaios* (tradução publicada por Milliet em 1961).

Não poderíamos deixar de mencionar, igualmente, um dos primeiros textos sobre o legado de Milliet, escrito por Antonio Candido, em setembro de 1978, por ocasião de uma nova edição de seus *Diários Críticos*. Nesse, Candido dividiu a trajetória de Milliet em três momentos: a da década de 1920, em que predominaria a poesia; a de 1930, em que haveria um investimento na prosa, sobretudo análises sociológicas e, por fim, de 1940 em diante, em que se privilegiou a atividade da crítica.

(CANDIDO, 2004: 17-35)<sup>14</sup> O texto se concentrou na última, embora Candido tenha admitido que, mais do que tratar do crítico literário, o que gostaria mesmo era de ter a oportunidade de comentar sobre o “intelectual em ação”.

Acerca da análise da crítica de Milliet, para Candido, ele era um crítico “sem sistemas” e que sua fraqueza no campo teórico teria se tornado força no campo da crítica. Sua crítica seria capaz de “flutuar”, mudando livremente de posição (CANDIDO, 2004: 25). Aqui cabe uma consideração de Alambert, com que concordamos parcialmente: Candido, entre outros, ao considerar a crítica de Milliet como de constante “transição”, muitas vezes utiliza esse recurso pela dificuldade de “encaixá-lo” em periodizações correntes.

Entretanto, o que mais nos chamou atenção foi que, nesse mesmo texto, Candido expôs – tudo indica que pela primeira vez – a metáfora que viria a aparecer em muitos textos sobre Milliet: “homem-ponte”. Nas palavras de Candido, Milliet seria “um escritor mais velho que parecia abrir caminho para o tipo de trabalho intelectual que desejávamos fazer, que já estávamos fazendo”. A ponte a que Candido se referiu ligava gerações, no caso a dele (especialmente a daqueles que viriam a construir a USP) e a anterior, da fase dita “heroica” do modernismo<sup>15</sup>. Milliet teria sido, assim, a seu ver, um “modelo que nos justificava”, com a formação ideal:

Tinha estudado Ciências Econômicas e Sociais numa universidade suíça e adquirira aquela técnica de aprender que nós estávamos procurando dominar. Como nós, partira da sociologia, da psicologia, da economia, da filosofia; como nós, sofrera o impacto do marxismo, mas também da sociologia universitária; como nós, tinha uma preocupação política acentuada, sem sectarismo; como nós, aspirava a um socialismo democrático diferente das fórmulas reinantes. (CANDIDO, 2004: 18-19)

---

<sup>14</sup> O risco desse tipo de análise é produzir o que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão bibliográfica”: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como uma narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos, talvez seja ceder a uma ilusão retórica, a uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.” (BOURDIEU, 1996: 76).

<sup>15</sup> A expressão “Fase heroica” foi cunhada pelo próprio Antonio Candido, também se referindo como 1º Modernismo, como um período que compreende a Semana de Arte Moderna de 1922 e a Revolução de 1930, que sofreria maior influência de Semana. (CANDIDO &, CASTELLO, 1975).

O perfil conciliatório e articulador de Milliet, destacado por Antonio Candido, vem assim corroborar mais ainda a ideia de mediador (“passeur”) que buscamos analisar neste início de pesquisa. E podemos ir mais além, tomando a perspectiva do historiador Carlos Guilherme Mota, que foi secretário de Sergio Milliet. Num breve prefácio ao livro de Regina Campos, Mota afirma que Milliet deveria ser incluído na “vaga de redescobridores do Brasil” dos anos 1930/40, ao lado de Gilberto Freire, Caio Prado e Sergio Buarque de Holanda. Com seu olhar “menos tropical” sobre “nossas coisas”, seria um antídoto ao lusotropicalismo de Freire. A seu ver, Milliet era, sim, o mais “moderno” e informado de todos (CAMPOS, 1996: 8). Essa questão, entretanto, desembocará num próximo trabalho.

### Referências Bibliográficas

ALAMBERT JUNIOR, Francisco. *Um melancólico no auge do modernismo: Sergio Milliet (Uma trajetória no exílio)*. São Paulo: [s.n], 1991.

ALAMBERT, Francisco. *Sergio Milliet e o modernismo*. Revista da Biblioteca Mario de Andrade, nº 56, Sec.Mun. de Cult. Jan./dez.1998, p.103-109.

AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na semana de 22*. 5ª edição revista e ampliada – São Paulo: Ed.34, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo: EDUSP, 2003.

AMARAL, Carlos Soulié. *Sergio Milliet, cem anos, sem limite*. In: GONÇALVES, Lisbeth. *Sergio Milliet - 100 anos: Trajetória, crítica e ação cultural*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004.

ANDRADE, Mario de. Carta de Protesto. *Terra Roxa e outras terras*. Número 2, Ano 1, 1926, p. 4.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins editora, 1974.

ANDRADE, Oswald. *Senhor Dom Torres e a arte moderna*. Jornal do Comércio, São Paulo, 14.05.1922

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

CAMPOS, Regina. *Ceticismo e responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

\_\_\_\_\_. *La correspondance franco-brésilienne de Mario de Andrade et Sergio Milliet*. In: *Le conte et la lettre dans l'espace lusophone - Cahier n 8 - Centre de recherche sur les pays lusophones-Cepal*, 2001.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1975.

CANDIDO, Antonio. *Sergio Milliet, crítico*. In: GONÇALVES, Lisbeth (org). *Sergio Milliet - 100 anos: Trajetória, crítica e ação cultural*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004. p.17-35.

DUARTE, Paulo. *Mario de Andrade por ele mesmo*. 2 ed. corr. e aum. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia, 1977.

GONÇALVES, Lisbeth Rebello. *Sergio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1992.

\_\_\_\_\_(org). *Sergio Milliet - 100 anos: Trajetória, crítica e ação cultural*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004.

MACHADO, Alcântara. *Colher direita. Terra Roxa e outras terras*. Número 3, Ano 1, 1926.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLIET, Sergio. *Ponto nos is. Terra Roxa e outras terras*. Número 3, Ano 1, 1926.

\_\_\_\_\_. *Terminus Seco e outros cocktails*. São Paulo: Ferraz, 1932.

MUGNIER, Henri. *Notre Jeunesse – Evocations Genevoises (1910-1920)*. Genebra: Perret-Gentil, 1943.

SPINELLI, João J. *Sergio Milliet, o idealizador de museus de arte moderna*. In: GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org). *Sergio Milliet - 100 anos: Trajetória, crítica e ação cultural*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004. p.49-57



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PRACEL